

Michel Perrin. *The way of the dead indians. Guajiro myths and symbols.* University of Texas Press, Austin, 1987. Tradução do francês: *Le chemin des indiens morts: mythes et symboles Guajiro.* Payot, Paris, 1976.

Inge Thieme
Doutoranda em Antropologia - USP

Como deixa supor o próprio título desse livro, trata-se de uma análise das concepções Guajiro em torno da morte e da vida *post mortem*. Um tema que se impunha pela sua importância no simbolismo dessa sociedade: antes de representações, por exemplo, sobre o herói cultural Maleiwa, que em outras sociedades tribais desempenha papel de destaque, aos Guajiro interessam os mitos voltados para a existência humana, para a vida, as doenças, a fertilidade, a morte, o Além. Nesse pragmatismo cosmológico com que Perrin se defrontou entre esses índios, habitantes da península homônima do mar Caribe, pertencente à Colômbia e à Venezuela, não é de surpreender que os personagens míticos – análogos aos deuses do Olimpo grego – tomem parte ativa e até determinante na vida diária Guajiro. Seres de existência absolutamente real, os Guajiro são relacionados a determinados lugares, aparecem em sonhos ou mesmo em realidade. Onde e quando quer que se mostrem, sua aparição é prenúncio de acontecimentos quaisquer.

Os mitos relacionados a esse complexo simbólico, à primeira vista, se apresentavam destituídos de alguma coerência, eram inacabados sob uma perspectiva lógica (uma conseqüência ou uma causa da sucessiva aculturação que se observa desde o início do contato com o branco, há mais de 400 anos). Formar-se uma idéia de seu significado era descobrir-lhes um certo grau de consistência, por mínimo que fosse. O casal mítico, Pulowi e Juya, central na grande maioria dessas representações, se mostrou revelador nessa busca: comparando uma série de mitos, o autor constatou que certas qualidades eram sempre associadas a Pulowi, enquanto Juya tinha sido investido com exatamente os opostos. Esta constância de papéis atribuídos aos dois personagens permitiu a Perrin o reconhecimento de um sistema composto de duas classes de elementos opostos entre si – as categorias do pensamento simbólico Guajiro.

Uma vez reconhecida essa estrutura básica, tornou-se relativamente fácil a inteligência desse universo simbólico: as variadas e heterogêneas expressões simbólicas eram na maioria dos casos nada mais que ilustrações das oposições subjacentes.

De certa forma, essa trajetória de aproximação ao universo cosmológico Guajiro é reproduzida na organização do livro: análogo às experiências do autor, o leitor é confrontado de início com um quadro mitológico (é apresentada uma seleção de dezoito mitos, num total de 10.430 linhas), cujo sentido somente se torna transparente quando, na segunda parte, Perrin nos familiariza com os pressupostos dicotômicos subjacentes, resumidos nos dois personagens, Pulowi e Juya, e manifestos em conceitos tais como: em cima/embaixo, uniforme/diferente, do lado da vida/do lado da morte etc.

Nessa parte o autor apresenta também uma análise estrutural do – a seu ver – mito-chave referente às concepções sobre a morte dos Guajiro. Esse mito-chave relata a viagem de um Guajiro ao mundo do Além, da qual Perrin recolheu doze versões.

Em resumo, trata-se de uma epopéia semelhante à empreendida por Orfeu na busca de Eurídice: um Guajiro inconsolável pela morte de sua esposa é levado por ela ao mundo dos mortos, *Jepira*, de onde, decepcionado com o modo de vida que lá encontra, quer voltar para a terra. No caminho de volta chega ao domínio de Juya. Não observando as advertências deste, é morto por Pulowi, porém ressuscitado por Juya e levado à terra, onde logo em seguida morre.

Uma metáfora das concepções sobre “o caminho dos índios mortos”: caminho cíclico, que passa da vida à morte, da vida na terra ao país do Além (um país real, situado a nordeste da Península) e do estado de um indivíduo *wayu* ao estado de uma alma *yoluja*. As *yolujas*, depois de um tempo, chegam em um sítio sem nome e lugar, onde são assimiladas ou por Juya (identificado com a chuva) ou por Pulowi (terra, calor) e, finalmente, voltam à terra em forma de chuva ou *wanülü* (espíritos ligados a Pulowi).

De caráter metafórico é, para Perrin, também uma série de ritos e crenças que o autor apresenta no capítulo IV da 2ª parte: ritos e crenças em conexão com a chuva (a Península é semidesértica); a dança *yonna*; jogos por ocasião do “Festival da Cabra”; concepções relacionadas com as estrelas e o ciclo anual. São, de um modo geral, encenações e atos ou representações simbólicas em torno dos dois personagens antagônicos, Juya e Pulowi, para os quais

os índios oferecem interpretações das mais variadas, muitas vezes relacionadas com preferências de gosto ou costumes etc. Seu significado se evidencia sobretudo na prática antiga da reclusão das meninas púberes, que é explicada pelos índios como “forma de colocar uma alma na moça” ou também “para assegurar a brancura da pele feminina”. Em realidade, o que está em jogo é uma encenação metafórica de Pulowi, a mulher mítica, representante da morte e da seca, à qual são associadas as mulheres. Aliás, essa ligação com o símbolo da morte das mulheres, representantes, pela própria natureza, da vida, “conota um estranho paradoxo no pensamento Guajiro”. É uma ambigüidade feminina que, fora de dúvida, tem sua origem nesta cosmologia rigorosamente dicotomizada, em que Pulowi, morte, imobilidade, seca, embaixo são os opostos complementares e equivalentes de Juya, vida, mobilidade, chuva, em cima, respectivamente. Por outro lado, o autor sugere um engendramento cosmológico a partir do padrão socioeconômico e ecológico do mundo humano, o que inverteria as coisas e com justiça levantaria a questão: o que levou os Guajiro a associar as mulheres com a morte, a doença, a imobilidade?

As mulheres Guajiro até hoje levam uma vida presa à casa, num sistema uxori-local sem muita possibilidade de locomoção, ao contrário dos homens, que se encontram constantemente em movimento, seja caçando (uma atividade hoje não muito praticada e substituída pela criação de gado, cabras e cavalos) ou cuidando dos animais, seja visitando as esposas numa prática de poliginia, hoje, no entanto, não mais generalizada. Essas instituições, fora de dúvida privilegiando o sexo masculino, mesmo assim são consideradas penosas e pertinentes à fatalidade da condição humana, por ambos os sexos. Por quê? Perrin não coloca esta questão e cita “o mistério perigoso da sexualidade feminina”, “a dificuldade dos homens de ter que estar sempre em movimento”, “a necessidade feminina de permanecer imóvel” simultaneamente com as imposições da natureza, tais como “a dependência de um meio pobre e pernicioso”, “a severidade climática”, “a fatalidade da morte”, as doenças. O *factum* humano seguramente é determinado pelas imposições da cultura e da natureza, mas, como sugere Perrin, seriam da mesma ordem?

Voltando à questão da ambigüidade feminina e, relacionado a isso, à “obsessão cultural” do “mistério perigoso da sexualidade feminina”, um mito sobre a origem dos homens e dos clãs Guajiro ajuda a aclarar o que está em

jogo: os homens, da mesma forma que Pulowi, vieram por uma abertura da terra, o que indiretamente coloca Pulowi, o ser que traz a morte, como responsável pela procriação social. Em consequência, o papel das mulheres, antes de gerar indivíduos, seria o de assegurar a continuidade social. Apesar de não totalmente convincentes, são, todavia, as concepções cosmológicas que guiam tais crenças e a prática, o que não é negado pelo autor. Mas essas concepções, por sua vez, seriam um reflexo das condições sociais e do meio. Para poder acompanhar este raciocínio, o leitor todavia se ressentiria dos escassos dados etnográficos.

Apesar disso, trata-se nessa análise dos mitos e simbolismo Guajiro, em uma obra que brilha pela exposição do quadro simbólico encontrado, pelas inúmeras citações de explicações indígenas e recorrência a outro material da vasta literatura oral, e sobretudo pela logicidade de suas interpretações, além de ser bem ilustrada e apresentar extensas notas de rodapé.

James Holston. *A cidade modernista. Uma crítica de Brasília e sua utopia*, São Paulo, Companhia das Letras, 1993, 362 pp.

Antonio Carlos Fortis
Mestrando em Antropologia – USP

Etnografia crítica da cidade modernista, esse livro do antropólogo norte-americano James Holston submete a capital brasileira a um estudo de caso da empresa urbanística modernista.

Unidade representativa de análise, Brasília surge nessa leitura antropológica na condição de um contumaz insucesso tanto urbanístico e político quanto social e humano do modernismo de estilo internacional.

Incidindo prioritariamente sobre o modernismo da capital, a etnografia de Holston, no entanto, recorre a uma dupla perspectiva de investigação. De um lado, ele aborda o modernismo urbanístico e arquitetônico da cidade. De outro, procura penetrar a configuração do processo de modernização que ensejou a sua realização.